

MORTALIDADE INFANTIL EM BELÉM DO PARÁ: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DOS LIVROS PERPÉTUOS DE SEPULTAMENTO DE MENORES DO CEMITÉRIO DE SANTA IZABEL (1910 – 1914)

Carmeci dos Reis Viana*

RESUMO

Este estudo objetiva investigar a mortalidade infantil nos anos de 1910 a 1914 em Belém do Pará. Para tal, utilizamos os Livros Perpétuos de Sepultamento de Crianças no cemitério de Santa Izabel do Pará destacando a idade, sexo, situação socioeconômica e o inventário das doenças que causaram a morte das crianças. O referido estudo partiu da seguinte questão norteadora: Qual a situação da mortalidade infantil na capital do Pará no período de 1910 a 1914 e a sua relação com as ações dos médicos higienistas para combater tal situação? Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa documental tendo como fonte os livros perpétuos de sepultamento de crianças do Cemitério de Santa Izabel do Pará. A investigação se deu da seguinte forma: 1) levantamento demográfico da quantidade de crianças sepultadas no Cemitério de Santa Izabel de 1910 a 1914 e sua relação com idades e gêneros; 2) catalogação das doenças causadoras da mortalidade de crianças de 1910 a 1914; 3) perfil socioeconômico das crianças sepultadas em Belém; 4) análises das ações implementadas para combater a mortalidade infantil em Belém do Pará. Constatou-se que muitas crianças morriam de doenças causadas pela falta de cuidado e saneamento da cidade. Os resultados obtidos apontam que, com as ações dos médicos higienistas, a mortalidade infantil sofreu significativa diminuição.

Palavras-chave: História da Infância no Pará. Médicos higienistas. Mortalidade infantil. Saúde e Educação.

* UFPA e bolsista de iniciação científica do CNPQ.

CHILD MORTALITY IN BELÉM OF PARÁ: A PERSPECTIVE FROM PERPETUAL BOOKS OF CHILDREN BURIAL IN SANTA IZABEL OF PARÁ CEMITERY (1910 – 1914)

ABSTRACT

The study objectives to investigate the child mortality in the years from 1910 to 1914 in Belém of Pará. For such, we use The Perpetual Books of Children Burial in Santa Izabel of Pará Cemetery, highlighting the age, sex, social economic situation and the diseases inventory that causes children death. The guiding question is: What's the situation of child mortality in the Pará capital between 1910 and 1914 and its relationship with the medical hygienists action to solve that situation? Methodologically, it's a documental search having as source The Perpetual Books of Children Burial in Santa Izabel of Pará Cemetery. The investigation happened on this way: 1) Demographic survey of the amount of buried children at Santa Izabel Cemetery from 1910 to 1914 and its relationship with ages and genres; 2) Cataloging of diseases causing children mortality from 1910 to 1914; 3) Highlight the socioeconomic profile of children buried in Belém and 4) Analysis of the implemented actions to combat child mortality in Belém of Pará. It was found that many children died from diseases caused by lack of care and sanitation in the city. The results show that with the actions of the medical hygienists infant mortality was significantly decreased.

Key words: Childhood story in Pará. Medical hygienists. Child mortality. Health and education

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como escopo a investigação e análise acerca da mortalidade infantil nos anos de 1910 a 1914 em Belém do Pará, por meio dos Livros Perpétuos de Sepultamento de Crianças no Cemitério de Santa Izabel, localizado na capital paraense. Tal estudo vincula-se ao Grupo de Pesquisa Constituição do Sujeito, Cultura e Educação - ECOS, da Universidade Federal do Pará (UFPA), que tem como objetivo contribuir para a historiografia da infância na Amazônia paraense. Para este estudo trazemos dados da demografia da mortalidade infantil em Belém do Pará a partir da catalogação dos livros perpétuos dos anos de 1910 a 1914. As questões que nortearam o estudo foram:

- a) Qual o quadro da mortalidade de crianças nos anos de 1910 e 1914 quanto ao gênero, idades e etnia?
- b) Qual o perfil socioeconômico das crianças sepultadas no Cemitério de Santa Izabel?
- c) De que doenças as crianças recorrentemente morreriam?

d) Que médicos assinavam os atestados de óbitos de crianças?

Para efetivar a pesquisa, inicialmente, realizamos uma listagem a partir de um levantamento na secretaria do Cemitério Santa Izabel sobre os Livros Perpétuos de Sepultamento de menores nos anos de 1910 a 1911. Realizamos uma catalogação dos dados contidos nos livros para que, assim, fosse realizada a análise dos mesmos. É necessário explicitar que o levantamento, bem como análise dos dados, ainda está em andamento. Portanto, não se tem um resultado final acerca da pesquisa, pois pretendemos ampliar as investigações podendo catalogar os demais livros que chegam até o exemplar do ano de 1934.

A referida pesquisa, de cunho documental, destaca o entrecruzamento de três áreas do conhecimento: Medicina, História e Educação. Para elaboração deste estudo, destacamos os seguintes itens de análise:

- a) a mortandade infantil e o higienismo;
- b) Cemitério de Santa Izabel e o sepultamento de anjinhos;
- c) Mortandade Infantil na Amazônia Paraense da Belle Époque.

A MORTALIDADE INFANTIL EM BELÉM DO PARÁ

A política higienista surge no Brasil no século XIX, uma medida que corroboraria com o ideário de desenvolvimento da nação. A política tinha como principal intenção trazer hábitos tidos como saudáveis no tocante à educação e a higiene dos corpos.

Freyre (2008) na obra intitulada *Vida Social no Brasil em meados do século XIX* faz referências às questões de higiene e Sanitarismo, no século XIX. Ele afirma que no século XIX não havia, entre a população, o menor preceito de higiene e que era comum o despejo de dejetos humanos em rios e lagos.

Ferreira (2009) corrobora com essa ideia ao referir-se sobre o saneamento das cidades brasileiras no início do século XX, pois assegura que as péssimas condições de saneamento básico e o precário acesso à água eram as principais causas de doenças, pois o não acesso a quantidades suficientes de água para a higiene pessoal eram fatores preponderantes para a proliferação de doenças infecciosas, principalmente com a população infantil.

Sob esta perspectiva, os poderes públicos das capitais brasileiras importam um modelo de civilização da Europa, onde as políticas de higiene eram largamente difundidas. Deste modo, a elite intelectual do Brasil, juntamente com os poderes políticos no anseio ao desenvolvimento da nação, passaram a investir em medidas que trariam às ruas, escolas, igrejas, praças etc., um modelo de vida saudável pautada em novos hábitos de higiene, para tanto, regras passam a ser inseridas no cotidiano da população de modo individual e coletivo (GÓIS JÚNIOR; LOVISOLO, 2003).

Os preceitos de higiene permeavam as ações sociais, filantrópicas e de assistência nas principais capitais e centros urbanos do país e é, deste modo, que as ações higiênicas são implantadas mais facilmente para as camadas sociais menos favorecidas, pois, uma vez entregues à filantropia, havia possibilidade de formação futura como se vê empregado na citação abaixo.

Os higienistas estavam identificados com o movimento filantrópico, que travava um embate com os representantes da ação caritativa, nas primeiras décadas do século. A filantropia distinguia-se da caridade, pelos seus métodos, considerados científicos, por esperar resultados concretos e imediatos, como o bom encaminhamento dos desviantes à vida social, tornando-os cidadãos úteis e independentes da caridade alheia [...] (RIZZINI; PILOTTI, 2009, p. 22).

As políticas de higiene e prevenção se materializaram nas ruas e cidades com as ações dos médicos e sanitaristas, pois a intenção, delineada, era higienizar e disciplinar os membros das camadas menos favorecidas com o intuito de “limpar” as cidades, pois havia preocupação com a saúde, de outro lado, por ser o Brasil dependente da economia externa. Portanto, precisava se mostrar salubre e pronto para receber novos investidores, do mesmo modo que deveria zelar pelos seus portos, canal principal do desenvolvimento econômico (PINHEIRO, 2013).

Neste sentido, observa-se que a história da Infância no Pará e no Brasil está intimamente relacionada aos ideários desenvolvimentistas da emergente república nacional, pois é a partir da necessidade de reformas urbanas, econômicas e sociais que se ascende o interesse e os cuidados com a infância. Deste modo, a criança ganha mais visibilidade e maiores cuidados, pois passava a representar o “futuro da nação” (DEL PRIORE, 1999).

Os serviços públicos de saúde na capital paraense se esboçaram com a Proclamação da República. Quando, em 1891, é criada uma nova organização dos serviços de higiene composta por médicos, inspetores e químico, serviço que seria ampliado com o governo de Lauro Sodré, em 1886. Tais questões ganham visibilidade com o passar dos anos, os serviços de saúde são ampliados no governo de Paes de Carvalho e, posteriormente, no de Magalhães Barata, quando os portos da cidade

são monitorados por inspetores e médicos, cuja finalidade era a prevenção da peste bubônica, principal mal que ceifava vidas à época (MIRANDA, 2010, p. 3).

De acordo com Miranda (2010), o início do século XX tem marcante participação do Estado no que se refere à saúde pública, concernente à criação, ampliação e aparelhamento dos serviços de saúde, do mesmo modo que o meio científico buscava consolidar-se como classe e organização social. Neste contexto, há uma série de mudanças e transformações vividas pelo campo médico no Estado, tais quais a criação da sociedade médico farmacêutica do Pará, 1897 e, posteriormente, a sociedade de Medicina e Cirurgia do Pará, 1900. Além disso, a autora cita a reforma da Santa Casa de misericórdia bem como a ampliação do quadro médico no Estado em anos posteriores, e também a criação de clínicas e laboratórios de análises que corroborariam com os avanços das pesquisas sobre as doenças e epidemias que ceifavam muitas vidas na capital e no Estado.

No cenário econômico, a Amazônia, com a borracha, ocupava patamar de destaque na economia nacional por atrair expressiva quantidade de investidores. A preocupação com o saneamento da cidade passa a ser alvo da atenção dos governantes do país que, a partir de então, se dedicam a pensar medidas capazes de influenciar e remodelar os modos de vida da sociedade para que a economia não fosse prejudicada. Atentava-se para que os investimentos continuassem e o comércio exterior não fosse abalado. Havia necessidade de sanear os portos das grandes cidades, e Belém estava entre essas cidades que precisava passar por tal transformação, pois seus portos estavam diretamente ligados às exportações com Estados Unidos e a Europa.

Nesta mesma perspectiva, Guimarães (2016) contribui com esta análise ao pontuar, em sua tese de doutorado, o momento vivido pela capital paraense com a efervescência do ciclo da borracha, momento de grande repercussão socioeconômica para o Brasil, em especial para a Amazônia. Assinala que as contradições sociais de uma sociedade, que se inseria no sistema capitalista, começavam a se avolumar e que miséria, prostituição e outras mazelas sociais se faziam comuns no cenário de modernização da capital paraense, reflexo do que ocorria nas principais capitais do país, pois as condições sanitárias do Brasil nas primeiras décadas do século XX eram precárias – fato que leva ao surgimento de um movimento de reforma da saúde pública, movimento determinante para a construção de forte ideologia de nacionalidade para a formação do Estado brasileiro.

Miranda (2010) destaca que, em 1910, o governo do Estado, em parceria com a companhia Madeira-Mamoré, contrata os serviços do Dr. Oswaldo Cruz na intenção de erradicar a febre amarela considerada epidemia, desde 1850, no Estado. Com essa investida, medidas de saneamento também

foram implantadas, pois a malária era uma das doenças que mais vitimava a população do Estado. Neste sentido, a intenção dos governantes era sanear os principais centros urbanos na perspectiva de os tornar salubres e atrativo para os investidores, uma vez que a Amazônia encerrava um dos ciclos mais importantes de sua economia: o monopólio do extrativismo da borracha que perdera lugar para os produtores da Malásia ofertados com preços menores e em volumes maiores (MIRANDA, 2010, p. 15).

Como dito anteriormente, a precária condição de saneamento que enfrentavam as cidades brasileiras, dentre elas a capital paraense, exigiam medidas que viessem modificar o panorama de degradação, por isso o trabalho de Oswaldo Cruz se insere no contexto da cidade de Belém e, de um modo geral, do estado do Pará como importante, visto que, em consonância com as medidas de saneamento, suas ações reverberaram na melhoria das condições sanitárias de toda a cidade e regiões. O que se tinha antes das investidas sanitárias é o que se pode perceber na citação seguinte:

[...] o retrato do Brasil era pintado com pinceladas fortes e mostrava um povo doente e analfabeto, abandonado pelo Estado e entregue à própria sorte. Para eles, era urgente integrar essas populações nos marcos da nacionalidade e da cidadania, conferindo-lhes condições para a melhoria da própria vida [...] (PONTE, 2007, p. 36).

Na intenção de erradicar as epidemias e endemias que manchavam a constituição de nação forte e produtiva, os agentes governamentais, aliados a investidores, cujo interesse se concentrava no desenvolvimento econômico e político do Estado, passam a investir nas ligas saneadoras para que a capital paraense acompanhasse o desenvolvimento das capitais do Brasil. Imbuídos por sentimento renovador, campanhas de limpeza e saneamento foram largamente difundidas na capital paraense com a intenção de “limpar” os centros da cidade. Campanhas estas que ganham maior visibilidade a partir do ano de 1913. Com os investimentos da companhia Rockfeller, cujas campanhas difundem nos diversos países a estratégia campanhista¹, cuja finalidade era promover campanhas contra a febre amarela, malária e outras doenças consideradas transmissíveis e endêmicas (PONTE, 2007, p. 36).

O governo decide contratar os serviços do Dr. Oswaldo Cruz, renomado sanitarista da época, na perspectiva de melhorar a qualidade de vida dos operários da cidade de Belém, uma vez que este havia conseguido erradicar, da cidade do Rio de Janeiro, a febre amarela. Logo, as notícias de uma expedição, à cidade de Porto Velho, a ser empreendida pelo médico, fora divulgada pela imprensa

¹ Movimento liderado pela liga dos saneadores do Brasil cuja finalidade era o controle e erradicação de doenças endêmicas e transmissíveis que podiam comprometer a economia dos países (PONTE, 2007, p. 34).

animando os representantes do Estado, na figura do governador, pois com a presença do médico na região Amazônica as possibilidades de erradicação das doenças que ameaçavam os planos do Estado poderiam ser sanadas.

Portanto, a força produtiva do saber médico-sanitário significava a possibilidade de garantia do discurso de progresso contra a péssima “fama de insalubridade”, afastando de vez a febre amarela. Obviamente que o combate às condições de higiene e da doença diminuiria a mortalidade e traria melhores condições de saúde [...] (AMARAL, 2006, p. 171).

Amaral (2006) confirma positivamente com esta discussão, pois aponta, em seus estudos, dados referentes à mortalidade de trabalhadores adultos, se compreendermos o surto de febre amarela ocorrido na região, que é considerada extinta até os inícios de 1910 com as ações empreendidas por Oswaldo Cruz na capital e regiões. Os dados apontam que a epidemia se estendeu ao público infantil, pois a transmissão ocorria via picada de mosquitos e famílias inteiras habitavam em casas e cortiços sem condições dignas de higiene, o que “facilitava” sua proliferação.

A população infantil sofrera de tal forma ou em graus mais elevados que os adultos, pois suas fragilidades, por baixa imunidade a vírus e bactérias, faziam com que, além da febre amarela, doenças de ordem gastrointestinais fossem ameaçadoras ao seu ciclo de vida como podemos observar na tabela de número 4 deste estudo. Das principais doenças que vitimavam as crianças dentre elas estava a gastroenterite, com cerca de 13 casos. Tal doença se configura como inflamação aguda que pode ser causada por vírus, bactérias e parasitas que podem acometer pessoas que vivem em ambientes sem tratamento de água, rede de esgoto, água encanada e destino adequado para dejetos fecais que podem afetar diretamente o sistema gastrointestinal (GUIMARÃES, 2016, p. 138). É sabido que o contexto habitacional da capital do Pará, sobretudo das camadas pobres da população, era propício à proliferação de doenças das mais diversas ordens.

Problemas urbanos e sociais como a falta de habitação, saneamento e infraestrutura, especialmente associados aos indivíduos impingidos para bairros e regiões afastadas da vitrine central da capital, eram fatores preponderantes para a mancha social evidenciada nas doenças e pobreza que infestavam ruas e becos da cidade. A higiene e o saneamento visavam reorganizar o mundo do trabalho na capital do Pará, que tinha uma população heterogênea compostas por homens, mulheres e crianças de várias etnias e grupos indígenas, de nativos, de africanos e ex-escravos, além de expressiva quantidade de imigrantes estrangeiros e um contingente significativo de cearenses e nordestinos, cujo crescimento agravava ainda mais os problemas sociais e urbanos da capital (SCHUELER; RIZZINI 2015, p. 220).

As ações sanitaristas deram novas possibilidades para o crescimento em contexto nacional à cidade de Belém, pois as ações do médico incidiam sobre portos, escolas, hospitais, abrigos para crianças desvalidas e residências, na intenção de difundir os preceitos de higiene e educar a população a terem hábitos mais sadios.

MORTANDADE INFANTIL NA AMAZÔNIA PARAENSE: ANÁLISE DOS LIVROS PÉRPETUOS DE SEPULTAMENTO DE MENOR DO CEMITÉRIO DE SANTA IZABEL

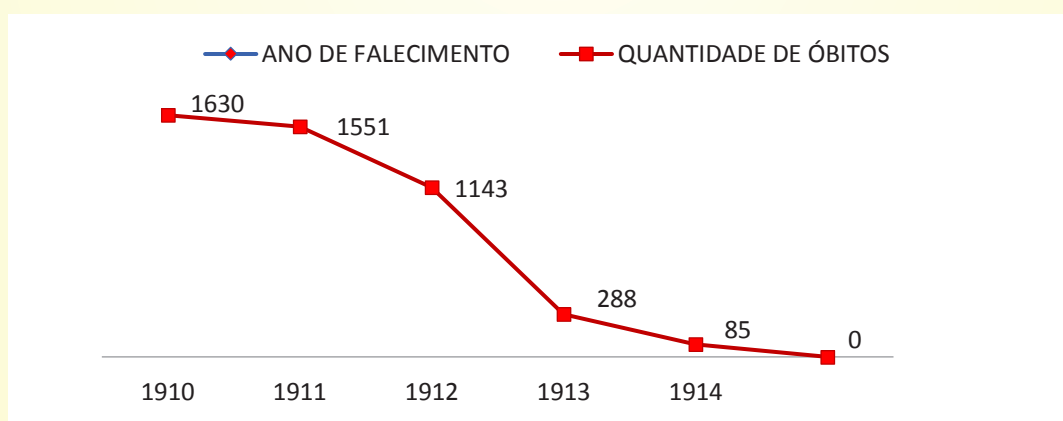
A verificação dos Livros Perpétuos de Sepultamento de Crianças no Cemitério de Santa Izabel (1910-1914) nos permitiu verificar as diversas mazelas, doenças e moléstias que acometiam as crianças no início do século XX. É importante ressaltar que o estudo está em andamento.

Constatamos com os levantamentos primeiros dos referidos Livros Perpétuos, que havia um número significativo de mortandade de crianças no período de 1910 a 1914. Dos dados apurados destacamos os seguintes:

Os gráficos abaixo expressam o quantitativo de crianças sepultadas no período de 1910–1914 a partir da catalogação nos Livros Perpétuos de Sepultamento de Menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará:

O gráfico 1 expressa o quantitativo de dados da mortalidade infantil nos anos de 1910 a 1914.

Gráfico 1: Índice da taxa de mortalidade nos anos de 1910 – 1914



Fonte: Livros perpétuos de sepultamento de menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará. Belém, 1910 – 1914

Diante dos dados apurados é possível perceber que a taxa de mortalidade era expressiva. É importante lembrar que tais taxas estão diretamente associadas às questões sanitárias e de higiene da

época. Isto é, com os ideais de desenvolvimento das capitais brasileiras houve um amplo processo de disseminação da cultura da higiene entre o povo, especialmente das camadas mais pobres da sociedade, dentre as quais a proliferação de doenças eram mais comuns, fato justificado pelas condições de habitação e o precário acesso à água.

Guimarães (2016), em sua tese de doutorado, assegura que a modernização das cidades do Brasil indicava momentos de planejamentos e ações que visassem a construção de uma infância saudável e duradoura, uma vez que a morte prematura das crianças era algo corriqueiro na sociedade da época, então, para que tais ações e medidas fossem efetivadas houve o fluxo intenso de ações higienizadoras incitadas pela ciência médica moderna, como descrito a seguir:

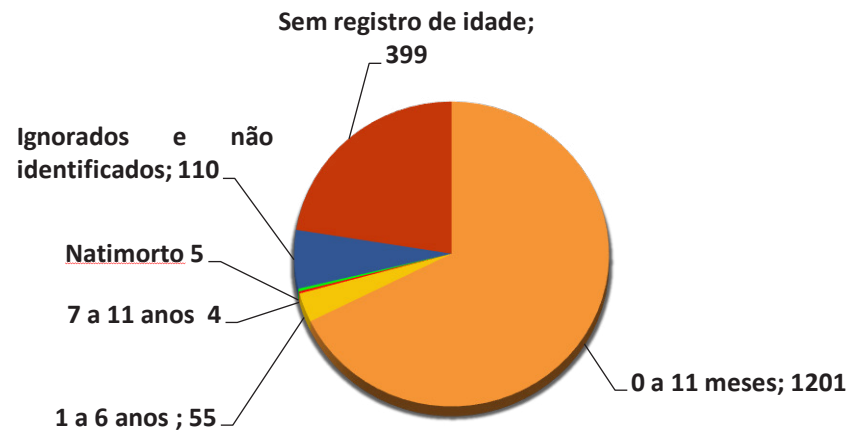
[...] O processo de higienização incitada pela ciência moderna foi um processo que ocorreu no mundo todo, em especial nas nações que tinham como objetivo o progresso e desenvolvimento. No rastro de tais ideais estava a forte confiança na ciência enquanto ente capaz de possibilitar tal ascensão (GUIMARÃES, 2016, p. 62).

A autora nos permite perceber, com esta ênfase, que a mortalidade infantil estava fortemente atrelada às questões de ordem social, de higiene e saneamento, e que a medicina, sobretudo a higienista, surge neste processo como um elo de transformação para a sociedade de então, pois é a partir das perspectivas das ações implantadas pela medicina higienista, associada aos diferentes campos da ciência, tais como os setores jurídico, sociológico, antropológico e o direito, que as instituições de atendimento educacional à infância passam a ser privilegiadas, conferindo aos indivíduos novos hábitos e condutas o que sugeria qualidade de vida e perspectiva de vida mais longa para as crianças de então.

A ciência médica se insere nesse contexto de modernização como precursora do pensamento renovador, disciplinador e restaurador das instituições familiares e educacionais; tanto que é a partir das concepções higienistas que as instituições educacionais passam por um intenso processo de vigilância e controle dos corpos.

A tabela 2 traz dados referentes à faixa etária de idade com que faleciam os menores registrados nos livros perpétuos de sepultamento do Cemitério de Santa Izabel do Pará nos anos de 1910 a 1914; apontam também o registro do sexo das crianças mortas sepultadas ali.

Gráfico 2: Taxa de idade com que faleciam as crianças/sexo das crianças mortas

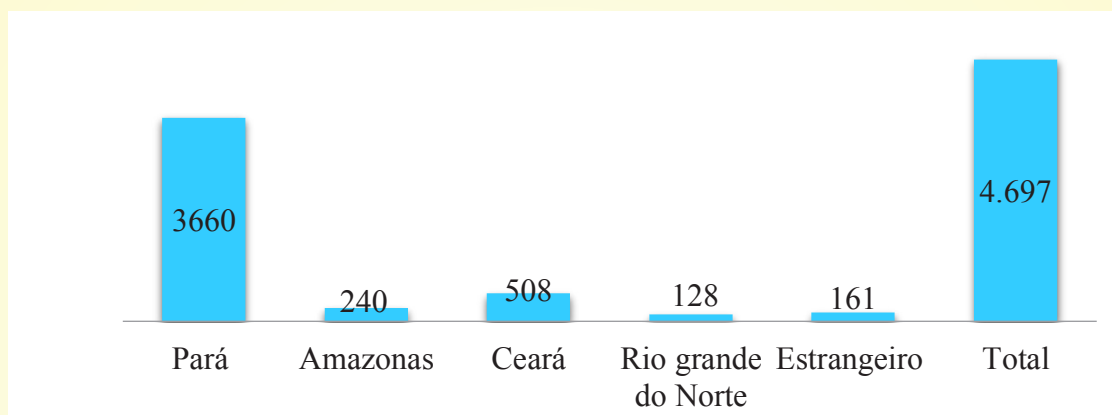


Fonte: Livros perpétuos de sepultamento de menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará. Belém, 1910 – 1914.

Com relação à idade de falecimento das crianças de 1910-1914, constatamos que morriam indiscriminadamente meninos e meninas, com idades que vão de horas de vida a aproximadamente de 7 e 11 anos. Quanto ao sexo, constatamos que morriam meninos e meninas respectivamente.

A tabela 3 revela o quantitativo de mortes a partir da naturalidade das crianças sepultadas no Cemitério de Santa Izabel do Pará e pontua a quantidade de óbitos por naturalidade.

Gráfico 3: Origem da naturalidade da criança



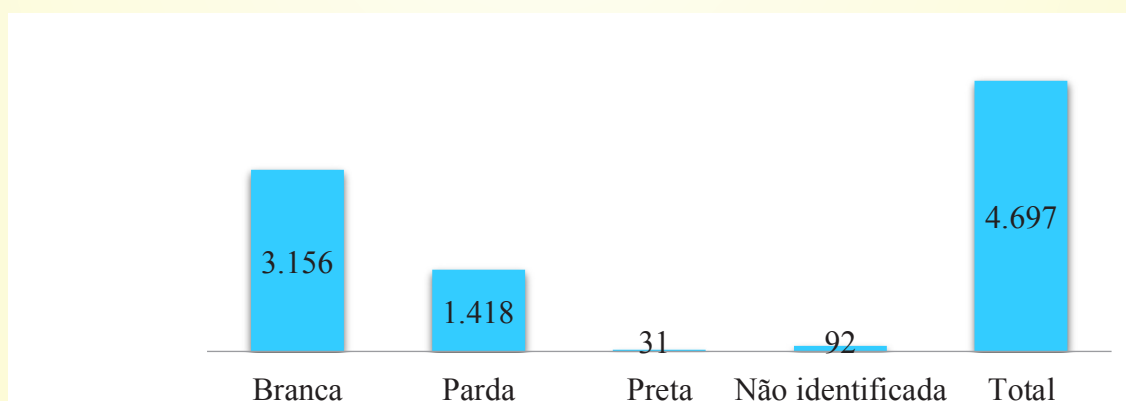
Fonte: Livros perpétuos de sepultamento de menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará. Belém, 1910 – 1914.

Sobre a naturalidade das crianças falecidas, a maioria das crianças sepultadas no Cemitério de Santa Izabel era paraense, conforme se vê na tabela 3.

Com o ideário de progresso da capital paraense os “coronéis da borracha”, juntamente com os intelectuais e a elite política do Pará, passam a investir na modernização dos portos da capital, pois eles representavam o crescimento econômico internacional do país. Era por meio deles que escovam as produções e diminuíam as distâncias entre as principais capitais do mundo, que representavam o mercado capitalista.

Na tabela abaixo trazemos os dados referentes ao registro da cor/raça das crianças sepultadas no Cemitério de Santa Izabel. E pontuamos também a questão socioeconômica destas, sistematizando esta informação sob o registro de indigentes ou não.

Gráfico 4: Registro da cor da criança



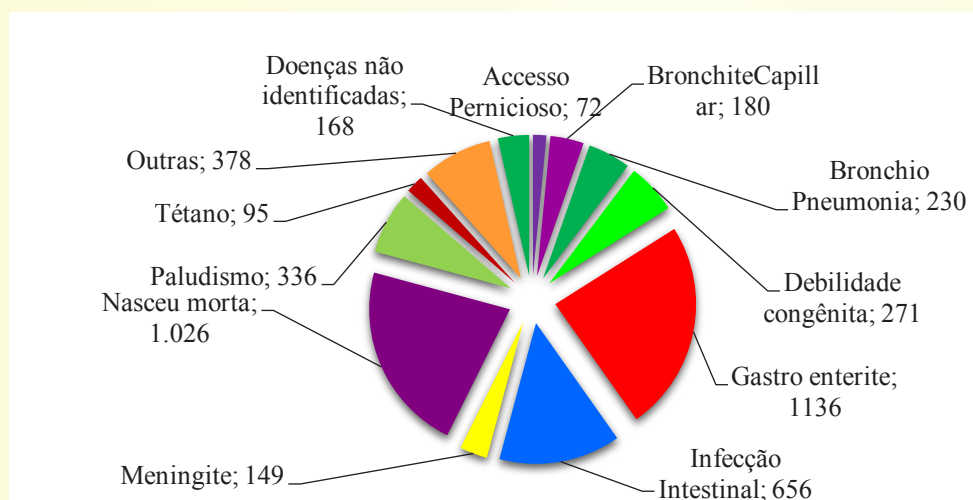
Fonte: Livros perpétuos de sepultamento de menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará. Belém, 1910 – 1914

Esta categoria se torna relevante em nosso estudo, sobretudo pela questão socioeconômica da

população brasileira à época, ainda que o contexto de raça/cor só tenha ganhado visibilidade com a democracia racial no início do século XX e com o empoderamento das classes negras que em movimentos sociais, organizações e ONGS se empenharam em mudar os contextos raciais e étnicos de modo que estas classes de pessoas pudessem ter dignidade social e direitos reconhecidos e respeitados (GUIMARÃES, 2016, p. 266).

A tabela de número 5 revela o nome das principais doenças que vitimavam as crianças registradas nos Livros Perpétuos de Sepultamento de Menores, do Cemitério de Santa Izabel do Pará, no período de 1910 a 1914.

Gráfico 5: Registro das principais doenças que vitimavam as crianças



Fonte: Livros perpétuos de sepultamento de menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará. Belém, 1910–1914.

De acordo com a tabela das principais doenças causadoras das mortes infantis, no período de 1910 a 1914, registradas nos Livros Perpétuos de Sepultamento de Menores do Cemitério de Santa Izabel do Pará, constatamos que os casos mais recorrentes estavam associados a doenças infectocontagiosas, às provenientes do precário acesso à água e às péssimas condições sanitárias em que viviam as famílias cujas crianças morriam.

Os dados levantados sobre as moléstias que causaram a morte das crianças, nos permitiu verificar também que elas eram acometidas por várias doenças nos primeiros anos de vida. Os dados expostos na tabela 5 indicam que essas crianças morriam ao nascer, os chamados *Nati Morto*, mas a maioria morria nos primeiros anos de vida. Ferreira (2009) afirma que as moléstias que vitimavam as crianças no início do século XX, sobretudo em seus primeiros anos de vida, estavam diretamente associadas a questões educacionais de higiene, especialmente pela falta de água e esgoto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi apresentado podemos destacar que a mortandade infantil era significativa em Belém nos anos de 1910 a 1914 em decorrência de inúmeras epidemias e de doenças causadas pela falta de higiene e cuidados com a alimentação da criança.

Outro fator a destacar é que os médicos higienistas tiveram um papel significativo no combate à mortalidade de crianças, e que junto aos sanitaristas implementaram medidas para combater o óbito de crianças ainda nos primeiros anos de vida.

Os dados obtidos nos Livros de Sepultamento de Criança no Cemitério de Santa Izabel servem de referências para estudos sobre a História da infância na Amazônia Paraense e constituem um patrimônio imensurável sobre a demografia da mortandade infantil que, certamente, servirá para futuros estudos sobre a infância no início do século XX.

A relação entre medicina e educação precisa ser mais bem discutida e ampliada com outros estudos para que possamos desvendar a infância perdida no século XIX e início do século XX.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Rocha de Conceição. As águas e a cidade de Belém do Pará: história, natureza e cultura material no século XIX. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

ALVES, Laura Maria Silva Araújo. Proteção assistência à infância desvalida do Pará (1912–1934). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E

EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9., 2012. João Pessoa. Anais... João Pessoa: Universidade de Federal da Paraíba, 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.22.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016.

AMARAL, A. S. Vamos à vacina? Doenças, saúde e práticas médico-sanitárias em Belém (104 – 1911). 2006. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

ARAÚJO, Sônia Maria da et. al. (Org.). Educação e instrução pública no Pará imperial e republicano. Belém: EDUEPA, 2015.

DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.

FERREIRA, Carlos Eugenio de Carvalho. Saneamento e Mortalidade Infantil. São Paulo em

Perspectiva, v. 6, n. 4, p. 62-69, out./dez. 2009.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Tesouros da memória: História e patrimônio no Grão-Pará. Belém: Ministério da Fazenda. Gerência Regional de Administração no Pará/Museu de Arte de Belém, 2009.

FREYRE, Gilberto. Vida social no Brasil nos meados do século XIX. 4. ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. Revista Brasileira Ciências Esporte, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54. 2003

GONDRA, José Gonçalves. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Elane Marta; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. 500 anos de educação no Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2003.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da S. A educação e os cuidados com a criança (1915-1955): uma análise bakhtiniana dos discursos dos médicos do estado do Pará. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país de 1800 a 1818. Tradução de Milton da Silva Rodrigues. São Paulo: Livraria Martins, 1942.

MIRANDA, Aristoteles Guilliod de. A medicina no Estado do Pará, Brasil: dos primórdios à Faculdade de Medicina. Rev Pan-Amaz Saude, Ananindeua, v. 1, n. 3, p. 11-18, set. 2010. Disponível em <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232010000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 fev. 2016. <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232010000300002>.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. A sorte dos enjeitados: o combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832). São Paulo: Annablume/FINEP, 2008.

PINHEIRO, Welington da Costa. A infância nas páginas de jornal: discursos (re) produzidos pela

imprensa paraense na primeira década do século XX. 2013. Dissertação (Mestrado) –Programa de pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Pará, 2013.

PONTE, Carlos Fidelis. O Sanitarismo e os projetos de nação. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br>. Acesso em 13/03/2016.

RIZZINI, Irene. O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Pakatatu, 2010.

SCARANO, Julita. Crianças esquecidas das Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (org). História das crianças no Brasil, São Paulo: Contexto, 1999.

SCHUELER, Alessandra F. M. de; RIZZINI, Irma. “Tradições inventadas” de uma Belle Époque no Estado do Pará: Expansão da escola primária para a infância paraense. In: ARAÚJO, Sônia Maria da. Et. Al. (Org.). Educação e instrução pública no Pará imperial e republicano. Belém: EDUEPA, 2015.

SILVA JÚNIOR, Nelson Gomes de Sant’Ana e; GARCIA, Renata Monteiro; MONCORVO FILHO. Algumas histórias do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 2, ano 10, p. 613-632, 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/pdf/v10n2a19.pdf>>. Acesso em: 03 de novembro de 2014.

SOUZA, Jorge Prata de. A presença da cólera, da diarreia e as condições sanitárias durante a guerra contra o Paraguai: registros médicos e memórias. In: NASCIMENTO, Dilene R. do. et al. (Org.). Uma história brasileira das doenças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

VAILATI, Luiz Lima. A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

Recebido em: 19/10/2016

Aprovado em: 20/12/2016